# Museu Afro e uma história não contada

No dia vinte e nove de março deste ano a turma foi visitar o Museu Afro-Brasileiro Emanuel Araujo para a conscientização da turma sobre a história e importância de figuras pretas no nosso passado e no futuro do mundo em geral.

No começo da visita fomos guiados por uma instrutora chamada Mariana, que mostrou de um ponto de vista diferente coisas que sempre fomos instruídos na escola, a face de pessoas negras. As primeiras obras observadas foram de pessoas pretas pintadas por Benedito José Tobias e a sala, em sua ignorância, atribuiu isso rapidamente a pessoas escravizadas, tristes e raivosas, pois como a própria instrutora falou “Fomos instruídos a vermos essas pessoas dessa maneira” até que em algumas, com um olhar mais atento, podemos perceber que as pessoas estavam bem vestidas e algumas mulheres até sorriam para as fotos, quebrando um pouco essa visão que tínhamos das obras. Seguindo um pouco na visita, chegamos a uma área onde mostrava a tecnologia usada na produção de matérias-primas vindas da cana-de-açúcar e fomos apresentados a uma pergunta que mudou minha visão sobre diversas obras que li e coisas que vivenciem, a Mariana contou sobre a pergunta feita a ela para entrar naquela vaga de emprego: “Por que você acha que pessoas africanas foram escravizadas? ”. A turma fez uma roda de debate para discutir isso e, como esperado pela própria Mariana devido a já ter ouvido essa resposta antes, chegamos a triste resposta de “Porque os africanos eram mais fortes”. Em uma apresentação sobre a cultura africana e as tecnologias que eles ali tinham, vimos ser mais por uma questão de técnica africana que os europeus não dominavam que eles foram escolhidos para essa miserável função, mostrando que os europeus não eram o povo tão inteligente e tecnológico que se mostravam, sendo exatamente o oposto, eles roubando a tecnologia africana usando da força. A instrutora fez uma analogia genial a esse roubo de tecnologia africana ao filme Pantera Negra, onde existe o país de Wakanda, onde o povo europeu nunca soube da existência, e por isso é uma potência extremamente desenvolvida tecnologicamente.

Após uma apresentação mais voltada a história, fomos para uma área do museu mais voltada a religião africana: o Candomblé. Conhecemos alguns dos Orixás mais conhecidos e algumas histórias dessa religião que impactaram até mesmo no cristianismo, como o Tridente do Diabo que veio por conta de Exu que carregava o mesmo item. Além de vermos as roupas usadas por alguns Orixás, e ouvirmos uma história sobre Ogum e Iansã mostrando a ligação dos Orixás com a natureza e como funcionavam as festas do candomblé.

Por fim, fomos conhecer um pouco da história da Irmandade da Boa Morte de Cachoeira e como ela ajudou a comunidade preta a conquistar sua liberdade, comida e dignidade. Por fim foram apresentadas a alguns Balangandãs, joias das crioulas ricas que eram símbolos de poder e luta dessas mulheres.

Vendo tudo o que aconteceu muitas coisas me vem à mente, principalmente uma curiosidade: quais outras coisas será que só aprendi por um ponto de vista europeu? Que artistas africanos eu conheço e por que será que são tão pouco falados comparados a Caravaggio ou Michelangelo? E isso me despertou uma curiosidade de uma cultura que eu não conheço e que está inserida em minha história e em minha origem que quero conhecer mais.